

MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS¹³

Érica Santos Soares de Freitas (USP)

professora_ERICA@uol.com.br

Nilsa Areán-García (USP)

nilsa.arean@gmail.com

RESUMO

O Grupo de Morfologia Histórica do Português (<http://www.usp.br/gmhp>) é um grupo interdisciplinar criado em 2005, coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, cujo propósito é dedicar-se aos estudos diacrônicos da formação de palavras na língua portuguesa, concentrando inicialmente seus esforços no viés da sufixação. Destaca-se que, além de ser um projeto vinculado à linha de pesquisa Estudos Diacrônicos e Sincrônicos do Português, da Área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, se caracteriza como Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq. Para tanto, entre alguns de seus objetivos principais estão: a catalogação das palavras derivadas por sufixação do português atual; o estabelecimento de critérios semânticos de classificação para definir os significados dos sufixos, separando, dessa forma, a palavra de étimo válido dos casos de homonímia e de falso étimo, prevendo os fenômenos de convergência e divergência etimológica; a investigação dos empréstimos, bem como a transmissão do étimo, da palavra derivada ou dos seus componentes para demais línguas, românicas ou não; a datação com mais precisão de fenômenos e acepções de palavras, com base em *corpora* próprios. A preferência do GMHP pela sufixação, se comparada à prefixação, é por ser – até o momento – pouco compreendida diacronicamente, embora seja um importante fenômeno morfológico, dada a sua grande produtividade na formação de palavras no português. Sob essa ótica e partindo do pressuposto do tríplice significado – o do radical, o de elementos formativos e o significado da palavra como um todo (VIARO, 2005) – que ocorre em línguas flexivas, o GMHP, segundo modelo próprio, investiga palavras e seus componentes sob o ponto de vista diacrônico e morfológico. Nesta breve exposição, apresentaremos o percurso de nosso estudo interdisciplinar, apontando o uso de várias áreas do conhecimento linguístico além da morfologia, como a filologia, fonologia, lexicografia, dentre outras.

Palavras-chave: Morfologia histórica. Semântica. Sufixação.

Sabemos que no século XX, os estudos diacrônicos e históricos foram um pouco esquecidos em prol dos esforços envolvidos nos estudos referentes à sincronia, principalmente seguindo a linha do estruturalismo e do gerativismo.

¹³ Este artigo resulta do trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos de 01 a 04 de abril de 2010.

Como critério ilustrativo, as tão estudadas Regras de Formação de Palavras, RFP's, são um dos frutos mais populares dos estudos estruturalistas. Assim, seguindo-se as RFP's, por exemplo (VIARO, 2006, 2007), e partido de uma base verbal, pode-se formar o seu infinitivo com o sufixo *-ar*, e dele formar-se o nome de um processo ou uma ação, com o sufixo *-ação*, ou seja, $XJ_{ar} \rightarrow XJ_{ação}$. Desse modo, uma possível e não contestável aplicação da regra é: *separar* → *separação*.

No entanto, ao aplicamos a mesma regra para o verbo *colar*, teríamos que *colação* é proveniente de *colar*, o que é contestado historicamente, pois *colação* provém do latim *collatio*, e o verbo *colar* foi criado posteriormente a partir de *colação*.

Neste sentido e, percebendo as lacunas deixadas pelos estudos estritamente sincrônicos, temos:

Parece coisa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos (...) que não requerem especial cultivo da inteligência (...) São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lucida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para se perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflicto entre o pensamento geral do vulgo e o facto encarado à luz da pesquisa científica. (SAID ALI, 1930)

Mais do que observar que há/pode haver insuficiências no tratamento sincrónico / contemporâneo da componente lexical que só uma abordagem histórica pode suprir, importa chamar a atenção para a consubstancial incorporação do passado no presente que todo o sistema lexical atesta, e que nenhuma análise sincrónica pode subestimar. (RIO-TORTO, 1998)

Felizmente, ao longo do século XX, mas especificamente no final do século e início do XXI, muitos gramáticos perceberam a necessidade de concentrar seus esforços nos estudos diacrônicos. Por exemplo, Rio-Torto (1998) sustenta que a história da língua é insubstituível na análise de determinados aspectos da formação de palavras, nos quais se nota que o presente é em larga medida herdeiro do passado, especificamente nos seguintes casos:

- a) na identificação do estatuto e dos tipos de constituintes lexicais;
- b) na clarificação do carácter composto das palavras;
- c) no estabelecimento de tipologias de palavras de estrutura complexa;
- d) na reconstituição da evolução formal e semântica das palavras;
- e) na explicação de algumas das reestruturações dos sistemas afixais;

f) na determinação dos paradigmas genolexicais.

Tentamos, então, com esta pequena introdução, justificar a motivação do GMHP, cujos objetivos são:

- a) A catalogação das palavras derivadas por sufixação do português atual;
- b) O estabelecimento de critérios semânticos de classificação para definir os significados dos sufixos, separando, dessa forma, a palavra de étimo válido dos casos de homonímia e de falso étimo, bem como prevendo os fenômenos de convergência e divergência etimológica;
- c) A descrição de outros mecanismos de formação de palavra (prefixação, composição, derivação regressiva entre outros), bem como da flexão na língua portuguesa do ponto de vista diacrônico, associando-se produtividade, diacronia e polissemia;
- d) A compreensão das diferenças de produtividade no quadro da diversidade do português brasileiro bem como na variação da língua portuguesa em todos os países lusófonos;
- e) A análise da produtividade da língua portuguesa comparativamente com línguas neolatinas, sobretudo da Península Ibérica (análise da influência do latim vulgar, medieval e científico);
- f) A investigação dos empréstimos (sobretudo do francês e do inglês), bem como a transmissão do étimo, da palavra derivada ou dos seus componentes (sobretudo afixos) para demais línguas, românicas ou não;
- g) A datação com mais precisão de fenômenos e acepções de palavras, com base em *corpora* próprios.

GMHP (2010)

Convém destacar que a fim de se visualizarem sincronias pretéritas, foi necessário o estabelecimento de um vasto *corpus*, além de listas de palavras derivadas coletadas e digitadas pelos seus membros integrantes.

Além disso, conforme já exposto, o GMHP tem concentrado os seus estudos na sufixação; isso se deve, por um lado, devido ao processo ser pouco compreendido diacronicamente, até o momento, se comparado com o processo de prefixação. Por outro lado, de acordo com Said Ali (1930), a sufixação mostra-se como o procedimento mais produtivo na formação de palavras na língua portuguesa, quer pela grande quantidade de sufixos existentes na língua portuguesa, quer pela flexibilidade que apresentam na sua distribuição e combinação com os demais sufixos, em parte, pela variedade semântica que adquirem no processo ao longo do tempo.

Uma das principais premissas em que se baseiam os estudos do GMHP parte do fato que os sufixos são morfemas gramaticais providos de significação semântica. Assim, segundo Sandmann (1989), os sufixos correspondem a lexemas, ou seja, uma sufixação equivale semanticamente a um grupo sintático definido por uma paráfrase (semântica) do processo específico daquela derivação.

Desse modo, o grupo trabalha com a semântica dos sufixos, por meio de suas paráfrases, destacando-se que na formação de palavras por sufixação há três tipos de semântica envolvida: a semântica da palavra sufixada, a semântica da base e a semântica do sufixo; o que chamamos de “tríplice significado das palavras”. Podemos concluir, então, que também haverá três tipos de paráfrases possíveis: a paráfrase da palavra sufixada, a paráfrase da base e a paráfrase do sufixo. Destacamos, então, que o GMHP se preocupa, sobretudo, com a semântica dos sufixos e suas paráfrases.

Tomando como exemplificação (VIARO, 2006), a palavra *barbeiro* (*barba* + *-eiro*), formada pelo sufixo *-eiro* e pela base *barba*, temos o significado do sufixo (para este núcleo semântico) somado ao significado da base, formando uma paráfrase para o significado da palavra, tal que:

base + sufixo → significado(sufixo) + significado(base) → paráfrase (sufixo (base) → palavra

Assim, para o exemplo dado, aplicando-se a regra de formação, obtemos:

barba + *-eiro* → *profissional* + *barba* → “*profissional que V a barba*” → *barbeiro*

No qual *V* é um verbo ativo (fazer, cortar, modificar, aparar, molhar etc.).

Entretanto, sabemos que uma palavra pode ter várias significações, pois ao longo do tempo pode sofrer vários processos de ressemantizações, e, por vezes, pode até perder o seu significado original, a primeira significação, que no caso das palavras sufixadas corresponde à paráfrase como um todo.

Retomando o exemplo, sabemos que a palavra *barbeiro* (*barba* + *-eiro*), pode significar, entre outras coisas: “profissional da barba”; “quem dirige mal” e “inseto que transmite a doença de Chagas”. Nos três casos o significado do sufixo *-eiro* é profissional, ainda que só seja possível formar a paráfrase no primeiro caso, dado que os demais são ressemantizações do primeiro.

Há, portanto que se diferenciar o *significado da base* (muitas vezes apagado com o tempo), o *significado do sufixo* (que, quando perde a prolificidade, também pode se tornar irreconhecível) e *significado total da palavra derivada* (que é, muitas vezes, imprevisível). (VIARO, 2006)

Assim, mostra-se necessário um estudo histórico e semântico das palavras sufixadas (VIARO, 2006), visando à diferenciação entre o **significado da base**, que, muitas vezes, é apagado pelo tempo, como nos casos das palavras: *carpinteiro*, *marceneiro* e *chiqueiro*; o **significado do sufixo**, que quando perde a prolificidade, também pode se tornar irreconhecível, como nos casos das palavras: *carneiro* (muita carne → abundância), *chuveiro* (forte chuva → intensidade) e *travesseiro* (uso sempre atravessado → interação); e o **significado total da palavra derivada**, que, dados os processos de mudança semântica da língua, pode ser imprevisível, como com a palavra *barbeiro*, que pode significar, entre outras coisas, “pessoa que dirige mal”.

Evidencia-se (VIARO, 2006), então, que há a necessidade de certos cuidados ao se montar as paráfrases semânticas do sufixo sobre a base, quanto ao significado do sufixo. Por exemplo, em *chuva* + *-eiro* → *chuveiro*, sabemos que o significado do sufixo não é instrumento, mas intensidade, como em *nevoeiro*, remontando, assim, ao período de sua formação, mesmo que o significado total, atual e usual da palavra não seja este; há que se tomar como pilar dos estudos a primeira acepção a palavra, assim a acepção da palavra *chuveiro* encontrada no século XV é “forte pancada de chuva”. No caso da palavra *banheiro*, é possível reconhecer-se a forma *banho* + *-eiro*, apesar de isso ser uma inverdade diacrônica, pois a palavra foi formada já em latim: *balnearium*. De forma semelhante, no caso da palavra *barreira*, é também possível reconhecer uma derivação *barra* + *-eira*, mas a presença dessa palavra em francês *barrière* sugere que essa forma tenha sido formada no latim vulgar sob uma forma **barrariam*, posteriormente adaptada ao português. Outro caso interessante é a palavra *macaxeira*, embora o sufixo *-eiro* também tenha como núcleo semântico a produção do nome de árvores ou plantas, por exemplo, *roseira* e *abacateiro*; em *macaxeira* não estamos diante do sufixo *-eiro*, pois a palavra provém do tupi /*makaxera*/, e por mera coincidência a terminação assemelha-se foneticamente ao sufixo.

Por isso, na análise dos sufixos e construção das paráfrases são necessárias várias etapas de estudo para cada palavra sufixada e destacamos, a seguir, as que consideramos como principais etapas no estudo de cada palavra sufixada:

- Datá-la, por meio de consulta a dicionários e *corpora*;
- Datar os seus significados em dicionários e *corpora*;
- Procurar sua origem;
- Se a origem for clássica, procurá-la no latim, no grego e no indo-europeu:
 - Datar as suas primeiras ocorrências;
 - Datar os seus significados;
- Procurá-la, datá-la, bem como datar seus significados também em outras línguas.

Assim, insistimos em que as palavras sofrem mudanças semânticas, de sentido e de significação, e o que realmente interessa em nossos estudos para detectar o sentido e a significação do sufixo não é o significado total da palavra, nem o mais conhecido na sua etapa atual, mas o significado que o sufixo tinha no momento em que um antecedente serviu de base para produzir o neologismo, como foi ilustrado com o exemplo da palavra *chuveiro*, que atualmente significa um instrumento, mas em sua acepção primeira havia o sentido de intensidade, tal como em outras formações, por exemplo, *nevoeiro*.

Como decorrência destas pesquisas, podemos notar que um sufixo, na maioria das vezes, possui vários núcleos semânticos de significação, por exemplo, o sufixo *-eiro* pode significar “árvore que produz X”, nas palavras: *abacateiro*, *limoeiro* e *cajueiro*; e também “profissão”, nas palavras: *enfermeiro*, *sapateiro* e *cozinheiro*. Esses significados são, por sua vez, derivados de outros mais primitivos, assim como na polissemia, algumas acepções da palavra remontam a um núcleo primitivo comum, analogamente ocorre um processo similar com os sufixos. Dessa maneira, é possível imaginar uma árvore genealógica de significados dos sufixos (VIARO, 2006).

Desse modo, nos interessa nesta pesquisa também detectar como e quando ocorre a mudança do significado de um sufixo. A título de ilustração, considerando-se o exemplo anterior, o da palavra *barbeiro*, na qual o sufixo *-eiro* designa profissão, temos atualmente também a acepção “inseto que transmite a doença de Chagas” para a palavra. Suponhamos, hipoteticamente, que seguindo o modelo de *barbeiro* com a significação “inseto que pica onde cresce a barba”, houvesse também a produ-

ção das palavras: **cabeleiro*, significando “inseto que pica onde cresce o cabelo”; **cilieiro*, “inseto que pica onde crescem os cílios” e **sobrancelheiro*, “inseto que pica onde cresce a sobrancelha”. Neste caso teríamos um núcleo semântico produtivo do sufixo *-eiro* designando *inseto*, com a paráfrase “inseto que pica onde cresce X”, mas proveniente do núcleo semântico do sufixo *-eiro* que designa *profissão*, desde que houvesse a correta datação das acepções em *corpora*, corroborando para tal hipótese.

Além da genealogia semântica proveniente dos significados dos sufixos, a pesquisa etimológica pode revelar, não apenas uma genealogia quanto à forma, por exemplo, o sufixo *-eiro* é proveniente do sufixo latino *-arius*, que também deu origem ao sufixo *-ário*, no português (VIARO, 2008); mas também, quanto ao comportamento, não apenas semântico, do sufixo. Por exemplo, o sufixo *-ista* é proveniente de uma terminação grega que atuava sobre bases verbais, ao passo que hoje, majoritariamente, atua sobre bases nominais (AREÁN-GARCÍA, 2007).

Ainda se podem descobrir formações mais profundas ocorridas, as quais sem o estudo diacrônico seria impossível de serem observadas, como a formação do sufixo *-mentum*, ainda no latim, a partir de outro sufixo, *-men*, que sofreu alargamento do sufixo *-to* e a ele se uniu ((MONTEIL, 1970; ROMANELLI, 1963; BRÉAL, 1992), sem, entretanto, desaparecer, visto que muitas palavras concorrentes permaneceram naquela língua em ambas as formas: *calceamen/calceamentum* (FARIA, 2001). O próprio sufixo *-men*, objeto de estudo paralelo a *-mentum*, permanece no português: ainda que opaco, está em *volume*, *churume*, *madeirame* etc. (FREITAS, 2008).

Outra questão tratada pelo grupo é sobre os bloqueios lexicais. A formação de uma palavra pode ser bloqueada caso haja outra no léxico de igual função. Para Basílio (1980), a própria lista das entradas lexicais já existentes afeta a produtividade das regras de formação de palavras. As várias restrições (morfológicas, sintático-semânticas, léxico-semânticas) que determinam a seleção de um determinado sufixo em detrimento de outro(s) têm consequências, quer no nível da produtividade, quer no nível da polissemia (BASÍLIO, 1980, p. 15). Monteiro (2002) afirma que a hipótese do bloqueio, se tiver alguma validade, só explica a impossibilidade de duas formas funcionarem exatamente com o mesmo significado. Por isso, toda vez que houver necessidade por questão de variabilidade semântica, formas paralelas surgirão. (MONTEIRO, 2002, p. 163).

Há algumas formações duplas na língua terminadas, por exemplo, em *-s/ção* e *-mento*, como *ligação* e *ligamento*; *internação* e *internamento*; *salvação* e *salvamento*. Os vocábulos *ligação* (“ato ou efeito de ligar”) e *ligamento* (“tecido fibroso que constitui meio de união de articulações ou de partes ósseas”) não são palavras derivadas, mas são formas primitivas, para o português, provenientes do latim *ligationem* e *ligamentum*, respectivamente. O mesmo acontece com os vocábulos *salvação* (“ato ou efeito de salvar”) e *salvamento* (“operação ou efeito de salvar”), que provêm, respectivamente, do latim *salvationem* e *salvamentum*. Supõe-se que, provavelmente, deveria haver, em latim, uma diferença de sentido entre essas formas. Já *internação* e *internamento* são realmente formas derivadas formadas a partir da adjunção de *-s/ção* e *-mento* ao verbo *internar*; ambas as formas são sinônimas e exprimem “ato ou efeito de internar (se)”. Será que há algum tipo de diferença semântica na interpretação dessas palavras por parte dos falantes?

Provavelmente cada um dos elementos de um par, ou grupo, dentro do léxico, deve ter uma especificidade semântica com base, essencialmente, em alguns aspectos:

- ▶ aspectos físico / espiritual: *salvamento* / *salvação*; *aparecimento* / *aparição*; *envolvimento* / *envolvência*.
- ▶ aspectos específico / genérico: *ligamento* / *ligação*; *visionamento* / *visualização*; *passamento* / *passagem*.
- ▶ aspectos ação / produto da ação: *divertimento* / *diversão*; *agitamento* / *agitação*.

Com essa concorrência entre as palavras, a análise semântica das pesquisas dos participantes do GMHP torna-se bastante produtiva, visto que se pauta na análise sufixal e há possibilidade de trocarem informações, ou ainda complementarem-se, pois muitas vezes dois ou mais sufixos têm o mesmo comportamento ou não (*-s/cão* e *-mento* ambos com sentido de “ação de X”, por exemplo: *medicamento/medicação*), às vezes são formas aparentemente concorrentes (*-mento* e *-agem* = *passamento/passagem*), ou seja, pode haver bloqueio ou não, dependendo da especialização semântica da palavra; muitas vezes, essa “aparente” concorrência é somente estilística (*severino/severista*), regional (*dermatologista* no Brasil, e *dermatólogo* em Portugal), especificidade semântica (*jornalista/jornaleiro* = profissões diferentes), ou até aspectos pejorativos (*pianista* – artista que toca piano, que sabe tocar piano / *pianeiro* – aquele

que toca mal o instrumento).

Portanto, para se estudarem os sufixos formativos de palavras na língua portuguesa e sua gênese funcional, semântica e formal, não devem levar em conta apenas os fatos sincrônicos, mas aliá-los também à diacronia e à semântica, observando-se o valor de estudos históricos e etimológicos, e verificando-se as datações, na busca de mapeamentos de aspectos semânticos dos sufixos nas formações derivacionais, bem como a importância de considerar os mais variados fatores e condições que podem interferir no processo de formação de palavras.

Assim sendo, nas pesquisas do grupo não se pode prescindir dos estudos das mais várias áreas, como mínimo: Morfologia Sincrônica, Linguística de *Corpus*, Filologia Românica, Historiografia Linguística, Sociolinguística e Dialetolegia, Lexicologia, Lexicografia, Toponímia e Terminologia, Estilística, Semântica, dentre outras.

Dissertações de mestrado do GMHP

AREÁN-GARCÍA, N. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo –ista no português e no galego*. 2007. Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

FREITAS, É. de. *Em busca do mento perdido. Análise semântico-diacrônica do sufixo –mento, no português*. 2008. Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

GIANASTACIO, V. *A presença do sufixo –ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*. 2009. Orientadora: Profa. Dra. Valéria Gil Condé.

GONÇALVES, A. A. G. *Diacronia e produtividade dos sufixos –agem, –igem, –ugem, –ádego, –ádigo e –ádiga no português*. 2009. Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

LACOTIZ, A. *Valores semânticos dos sufixos –ança/-ença –ância/-ência no português*. 2007. Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

SIMÕES, L. *Estudo semântico e diacrônico do sufixo –dade na língua portuguesa*. 2009. Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
- FARIA, Ernesto. *Vocabulário latino-português*. Belo Horizonte, Garnier, 2001.
- GMHP – Grupo de Morfologia Histórica do Português. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp>>. Acesso em: 30 mar. 2010.
- MONTEIL, Pierre. *Eléments de phonétique et de morphologie du latin*. Paris: F. Nathan, 1970.
- RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Ed., 1998.
- _____. (Org) *Verbos e nomes em português*. Lisboa: Almedina, 2004.
- ROMANELLI, R. C. *Do morfema Indo-Europeu N em Latim*. Belo Horizonte: UFMG, 1963.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.
- VIARO, M. E. “Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *-eiro/-eira* na língua portuguesa”. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis et alii (org) *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2007, Série Trilhas linguísticas nº 12, p. 45-84.
- _____. *Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo -eiro*. Estudos Linguísticos (São Paulo), 2006, v. 35, p. 1443-1452.
- _____. Os sufixos portugueses numa visão diacrônica. In: XVI Seminário do Cellip (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), 2005, Londrina. *Anais do XVI Cellip*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Cellip, 2005.